

# **A VIOLÊNCIA ESCOLAR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.**

Autora: Gabrielle da Silva Mesquita (UFF)

## **Resumo**

O trabalho busca mostrar de forma histórica, a Violência Escolar e a sua relação com a cor e o gênero; e as práticas pedagógicas a partir de um relato de experiência; baseando-se inicialmente na Constituição Federal de 1988 (Brasil). Onde evidencia que Direito à Educação é uma das principais exigências da atual constituição brasileira. A inquietação ao referente tema exposto teve seu início a partir de um trabalho de campo realizado em uma escola situada no Interior do Rio de Janeiro. E em meio a observações, foi realizado um projeto, com o intuito de fazer enxergar como um todo; a forma como a leitura de mundo é feita e como a questionam. É pregada uma moral que ignora o aluno, sua cor, seu saber e vivência social, como diz Freire (1996) em que o conhecimento adquirido pelo viver do aluno também é importante para a sua formação.

## 1. Introdução

A violência do Brasil iniciou-se desde o período escravocrata, quando africanos foram retirados de forma violenta e forçados a sair dos seus países para serem submetidos a péssimas condições de qualidade de vida. Desde então, sofremos com processos políticos de corrupção em toda esfera parlamentar brasileira. No âmbito educacional não é diferente, a violência se manifesta de diversas formas, a mais cruel delas tange a falta de políticas públicas voltadas a este setor.

Segundo a Constituição Federal de 1988 (Brasil):

Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206 (\*) O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V - valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União; VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII - garantia de padrão de qualidade.

Desse modo percebemos claramente que o Direito a Educação é uma das principais exigências da atual constituição brasileira. A Constituição brasileira foi criada pensando em um padrão de sociedade idealizado na classe média do país, sem ao menos se importar com as peculiaridades dos indivíduos que compõe a sociedade. Dessa afirmação surge a seguinte indagação: Como Legislar em um país de multiplicidades culturais, sociais, econômicas, religiosas, sexuais e raciais?

De acordo com Xavier e Xavier (2015, 23-24) afirmam que:

“ Ao falar sobre as políticas públicas de educação no Brasil parte-se do pressuposto de que estas estão incluídas nos direitos fundamentais, universais e inalienáveis e é dever do Estado proporcionar políticas públicas que garantam a qualidade social da educação bem como o acesso permanência de todos os brasileiros e brasileiras nas escolas.”

No entanto é perceptível que a mesma não está sendo executada através das políticas públicas de maneira correta e plena, principalmente em escolas situada em áreas consideradas de extremo risco e violências.

Tendo em vista do que foi exposto acima, o objetivo do trabalho foi investigar o que é a violência escolar e quem são os alunos violentos. Entendendo que esses alunos têm cor, classe e gênero.

Foi realizada uma pesquisa e observações em uma escola que está situada no município de Santo Antônio de Pádua, interior do Rio de Janeiro. Dentro do Bairro em que se encontra o espaço escolar é possível ver a diferença socioeconômica extrema do lugar, em um lado se encontra uma elite e o outro lado uma das periferias da cidade. A escola abrange uma grande quantidade de alunos com vulnerabilidade econômica e muitos alunos negros. Basicamente em cada sala da escola tem 90% dos alunos negros e com vulnerabilidade econômica.

A escola aparentemente tem uma estrutura antiga que provavelmente tiveram alguns retoques para manter uma possível boa aparência. Contendo algumas informações é possível dizer que a escola atende neste momento cerca de trezentos alunos divididos em dois períodos: Manhã e Tarde. A escola é dividida em dois andares.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2017), a escola começou a funcionar no ano de 1964 ministrando o Ensino Fundamental e Médio. Podemos enxergar todo um cenário escolar montado em 1964, ano em que houve o Golpe Militar. Toda a estrutura da escola, tanto física como pedagógica foi montada baseada no novo cenário política que tinha acabado de ser instalada no Brasil. A estrutura da escola tem resquícios desse Regime Governamental até nos dias de hoje.

A sensação de entrar na escola é como se estivesse entrando em um sistema prisional. Os portões da escola são gradeados, as salas ficam no segundo andar, há grades até na porta da subida da escada para as salas. As portas das salas de aula são de ferro, as janelas não há como abrir, somente os basculantes dessas janelas são possíveis se abertos para ventilação do ar, as carteiras da escola ainda são mesas separadas das cadeiras todas enfileiradas, não se pode trocar de lugar.

O corredor das salas é escuro com paredes pintadas na cor cinza. Toda uma estrutura montada com sensação de prisão. Não aconteceram muitas reformas na escola, pelo que foi falado pela direção, somente a pintura da escola que são sempre renovadas.

A ideia da estrutura da escolar a partir do ano de 1964 é um objeto de Panóptico, toda essa formação física era de “ser visto”. Michel Foucault (1995) diz que a formação

das escolas é como sistema de prisão, para haver um controle de poder com a ideia de desassociar o parâmetro de “ver-ser visto”. Por isso há uma grande semelhança das escolas com os presídios. Para que em todo o momento os alunos tenham a sensação de estar sendo vigiados por algo ou alguém, mesmo que isso não esteja acontecendo.

Essa instituição é considerada como um ambiente escolar que possui diversas situações de “violências”, que muitas vezes a própria direção da escola considerava como questão de segurança.

Alguns professores em algumas conversas informais na sala destinada a eles sempre falavam sobre os modos de se portar dos alunos daquela escola. Eles relatavam sobre as roupas estranhas, a forma ao falar usando diversas gírias, as conversas sobre festas que os alunos participavam, os palavrões contínuos na sala de aula, os funk’s que os alunos cantavam.

Quando eu estava presente na sala dos professores eles faziam de tudo para não falassem algo em “tom” racista, mas, deixava muito claro os quantos à presença daqueles alunos na escola os incomodavam. Um dos professores disse: “Não vejo a hora desse ano acabar para essas turmas se formarem”. Outros professores mais religiosos sempre diziam que aqueles alunos precisavam de “Jesus” que enquanto na encontrasse uma igreja eles não teriam uma vida digna.

Os professores o tempo todo deixavam expostos que os alunos que eles consideravam violentos eram aqueles que feriam de alguma forma o que os mesmo consideravam com moral, bons costumes e a religiosidade. Se alguma coisa acontecesse na sala de aula fosse contra isso era motivo para tratar como reação violenta.

Em confronto com as falas desses professores, observei que os alunos que eram associados como violento eram alunos homens e negros que têm a faixa etária de 16 a 19 anos, alunos que fazem parte da classe trabalhadora, e que muitos desses fazem são beneficiários do Programa Bolsa família. A partir disso entendemos que a violência escolar tem cor, classe e gênero.

## **2. Desenvolvimento: Instituição escolar x Violência**

Primeiramente precisamos entender o significado do que é a instituição. Os dicionários retratam a palavra instituição como um mecanismo de ordem social que

moldam os comportamentos de pessoas em determinados lugares. Usamos a palavra instituição para centros escolares e acadêmicos, como se a educação fosse um métodos de ordenar e moldar alguém para uma sociedade.

Quando o aluno não se enquadra ao conjunto de regular o seu comportamento, o próprio sistema realiza o papel de culpabilizar aquele aluno do seu mau progresso social. Esse sujeito que produziu o seu fracasso por não entrar nos moldes da instituição é considerado o aluno da violência exógena.

Marlene Guirado coloca um contexto social e capitalista as definições das paredes que “confinam” uma criança ou um adolescente dentro de um ambiente para ingressar em ordem e progresso na sociedade.

estamos definindo as instituições como relações ou práticas sociais que tendem a se repetir e que, enquanto se repetem, legitimam-se. Existem, sempre, em nome de um “algo” abstrato, o que chamamos de seu objeto. Por exemplo, a medicina pode ser considerada, segundo nossa definição, uma instituição e seu objeto, pode-se dizer, é a saúde. As instituições fazem-se, sempre também, pela ação de seus agentes e de sua clientela. De tal forma que não há vida social fora das instituições e sequer há instituição fora do fazer de seus atores. (1997, p. 34)

Quando damos nome “instituição” para as escolas ou academias estamos chamando os alunos daquele lugar de clientes, tratando a educação como mercadoria. Para o capitalismo que tem interesse de formar indivíduos para o mercado de trabalho a escola é um lugar de produção em massa da mão-de-obra barata. Não é importante para o capital uma educação de qualidade. Tratar as escolas como empresas em certo ponto de vista aumenta a escolaridade dos indivíduos, porém, de uma forma cruel e sem qualidade de ensino científico e social.

“[...] a qualidade da escola se define, sobretudo, pela sua capacidade de absorver e de manter o maior contingente possível de jovens que possam cultivar uma relação significativa com uma instituição educativa.” (Sposito e Souza, 2013, pág.43)

Madeira (1997) relata que algumas pesquisas mostram o aumento dos níveis de escolaridade da população com vulnerabilidade econômica, isso não da acepção de melhores resultados de condições e absorção, mas, produz um grande efeito para o mercado do capital, que possui maquinas próprias de exclusão e desigualdades sociais.

A partir das descrições sobre instituição podemos buscar as definições de violência e mesmo sendo difícil explicar teoricamente, podemos dizer a partir do conceito da Organização Mundial da saúde, a violência é uso intencional de força física e poder contra si mesmo ou contra outras pessoas. Mas, Marília Sposito(1994) afirma que “a violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força, em práticas sutis ou expostas, sendo elas cotidianas ou periódicas.”

A violência escolar está sempre sendo referida ao aluno ou ao local de vivência desse aluno. Quando colocamos para buscar a frase: “Violência escolar.” em um dos sites de pesquisa da internet, somos surpreendidos por centenas de matérias ou vídeos de alunos agredindo professores ou alunos agredindo outros alunos. São muitos artigos falando sobre bullying nas escolas, análises de alunos violentos, e até mesmo denúncias. As maiores partes desses artigos estão ligadas as escolas em periferias nas capitais dos estados ou próximas a periferias das capitais.

Não podemos deixar de considerar que existem diversos tipos de violência. O racismo, a xenofobia, o machismo, a homofobia, a corrupção, a intolerância religiosa e entre outros, fazem parte de uma sistemática prática e referência de violência. A partir desse ponto é relevante afirmar que a falta de investimentos do governo na educação e a corrupção em massa que ocorre na política do País (Brasil) tem uma grande influência na propagação da violência nas escolas.

A violência escolar não é somente um problema na periferia, isso não é um histórico de comunidades em situações de carência e falta de segurança pública. Ela está sempre ligada por ser uma questão sistemática completamente racista. A violência escolar tem um início a partir do descaso do governo com a educação, com o desprezo da própria política em mudar os parâmetros de uma educação arcaica que foi programada durante o regime militar.

Foi realizado um estudo que investigou as escolas situadas nas zonas de narcotráfico na cidade do Rio de Janeiro, Guimarães, (1995) existe uma ausência do estado nas políticas sociais para as pessoas que moram no morro. Essas pessoas que vivem no território sob as influências do Narcotráfico estão vivendo como se estivessem sido esquecidas pelo estado. Na verdade os morros estão esquecidos pelas políticas sociais e só são lembradas quando o assunto é segurança pública.

A normalização da violência nas escolas segue através do abandono do estado com as comunidades periféricas. Os alunos não ficam mais perplexos quando o assunto é violência. O cotidiano dele nos locais que é dominado pelo narcotráfico se tornou comum. As mortes violentas com tiros, facadas, pauladas, e entre outros se tornaram banais, pois esse é o regime de lei que se encontra no lugar que ela mora. O que é violência para algumas pessoas, é apenas uma vida cotidiana para outras pessoas. Essa normalização se iniciou a partir do descaso do estado com as regiões menos favorecidas economicamente. Mas, é importante relatar que a região que a escola está situada não pode definir quem são os alunos que estão presentes nela.

Quando uma escola está situada em um local de extrema situação de violência, esse mesmo local acaba não sendo reconhecido pelo governo, fazendo com que não existam políticas para esses lugares. Mas, a falta de investimentos e condições políticas e sociais para escolas que estão ao redor ou dentro das regiões tomadas pela segurança pública também é um tipo de violência.

Podemos pensar em diversas perguntas como: “O que é realmente a violência escolar?”, “Por que a violência escolar está sempre ligada ao aluno homem e negro e nunca ao sistema que ele está sendo sujeitado a viver?”, “O que são as condutas violentas desses alunos?”. Dentro destes questionamentos, é possível desmistificado a relação da violência somente com as práticas dos alunos, as desigualdades sociais geram condutas violentas em qualquer sujeito.

É possível fazer uma estreita análise de violência escolar na periferia e violência escolar na classe média a partir de algumas indagações de Marília Sposito:

[...]Todas as situações de pobreza tem sido geradoras de violência? Como explicar a existência de escolas situadas na periferia das grandes cidades submetidas às mesmas condições de pobreza, mas diversas quanto à existência de práticas ou episódios violentos no seu interior? Como explicar a violência, ainda não investigada, em escolas que atendem setores de classes médias urbanas? (SPOSITO, 1994, pág.61)

A violência nas escolas sempre estará ligada a pobreza, pois, não há investigações dos casos de atos violentos nas escolas de classe média. Há um preconceito marcado na classe mais pobre e negra. O empirismo sempre estará ligado às periferias, pois, sempre é anunciada e analisada como lugar violento. Quando na verdade a violência teve o nascimento na classe média. Marx (1997), diz que “os pensamentos históricos sempre elevam a classe média, pois ela é a classe dominante.”

Portanto, as análises, as teorias legítimas e fundadas sempre terão a marca do racismo com as classes mais pobres em relação à violência escolar.

Quando a escola não oferece harmonização na estrutura do ambiente é bem provável que aconteça manifestações dos alunos com o lugar. Uma pessoa passar cerca de 20 anos de sua vida em uma ambiente de formação escolar, são anos participando de um espaço que acaba se tornando uma segunda casa. Se esse espaço que ele permanece durante anos o faz se sentir presidiário sem ao menos ter entrado em uma penitenciária em sua vida, a reação do mesmo será arrumar formas de modificar o lugar, com atos que muitas vezes é considerado de depredação do local ou até mesmo violento com as pessoas do local.

Este mesmo cenário de depredação é uma forma de protesto inconsciente dos alunos com o ambiente que eles estão inseridos. Paulo Freire (1968) afirma que se a educação não liberta, ela se torna uma máquina de criação de opressores. O espaço físico escolar tem um grande poder em influenciar na vida dos alunos.

Conclui-se que existe um fator de embranquecimento que se deu no pós-abolição. Ele se estruturou de várias maneiras na educação, desde a disciplina de história que exalta a supremacia européia, até a matemática que o reconhecimento era relacionado a mérito, lembrando que o mérito era sempre da classe dominante que era e é branca. De maneira geral, na pós-abolição as pessoas negras não tinham acesso a escola. Até nos dias de hoje vemos a precariedade educacional nos lugares onde há uma grande proporção de pessoas negras, que são as comunidades periféricas do país. A precarização educacional das escolas públicas, a falta de estrutura financeira e também a falta de ajuda para permanência trás a grande evasão e apontamentos de violência nas escolas que por sinal é onde tem a grande concentração de estudantes negros.

### **3. Metodologia: Projeto Funk**

A partir das análises e observações feitas na escola foi perceptível que um dos problemas eram relacionado as musicas que os alunos ministravam no ambiente. Através desses incômodos foi realizada uma roda funk's juntamente com a participação de alguns graduandos da Pedagogia da Universidade Federal Fluminense, para contextualizar os temas sociais inflamados na escola, o objetivo foi levar os alunos a fazer questionamentos das letras que são reproduzidas musicalmente nos dias atuais.



Pierre Bourdieu (2000), fala sobre as divisões econômicas a partir dos capitais (Cultural, Informacional, Simbólico e social). Foi utilizado o conceito do capital humano como uma forma que não depende somente de uma educação formal, mas, de virtudes produzidas pelo meio social, considerado como o capital cultural. O funk foi uma forma de usar o meio social e cultural dos discentes, tendo em vista do que foi notado no âmbito escolar.

Dessa forma, a “Roda de Funk” não foi somente para fazê-los refletir e questionar, foi também uma troca; o seu meio social o faz entender de uma maneira e é por essa maneira que queremos enxergar, com o objetivo de expor aos alunos um olhar mais crítico às subtilidades que estão presentes nos meios sociais.

Entendemos que, falar sobre violência não está relacionada somente às medidas de segurança, mas também em a problematização dos conteúdos culturais violentos que são maquiados pela sociedade (Sposito, Marília, 1994).

Foi organizada uma roda de conversa no auditório da Universidade Federal Fluminense- INFES para explicar sobre tudo que existe por detrás das letras dos funk’s contemporâneos. Estiveram presentes 43 alunos do ensino médio. No decorrer do da roda pedimos aos alunos que prestassem atenção nas letras das músicas que seriam tocadas, tais como: Surubinha de Leve – MC Diguinho, Amar , Amei – MC Don Juan, Covardia – MC Livinho, Lei do Retorno – MC Don Juan, Só quer Vrau – MC Mm, Agora Vai Sentar – MC Jhowzinho e Kadinho, Abusadamente – MC Dg, Malandramente – Dennis DJ e outros que foram pedidos pelos alunos como, Din Din da Ludimilla e Ei, tu ta na gaiola do MC Kevin.

A metodologia de avaliação do projeto ocorreu durante as abordagens com os alunos que dialogamos na roda de conversa. Declarando qual a importância desse projeto para a comunidade estudantil.

Assim a partir das declarações feitas pelos alunos, ao quais muitos relataram não perceber a existência de tais violências incitadas nas letras, outros alunos, diziam que era apenas uma liberdade de expressão. Sendo assim, depois das falas, prosseguimos para análise da importância da conscientização de problematizar as letras das músicas que passam despercebidos no contexto social ao qual vivemos. Foi explicado o contexto da violência simbólica, que é uma forma de violência exercida psicologicamente,

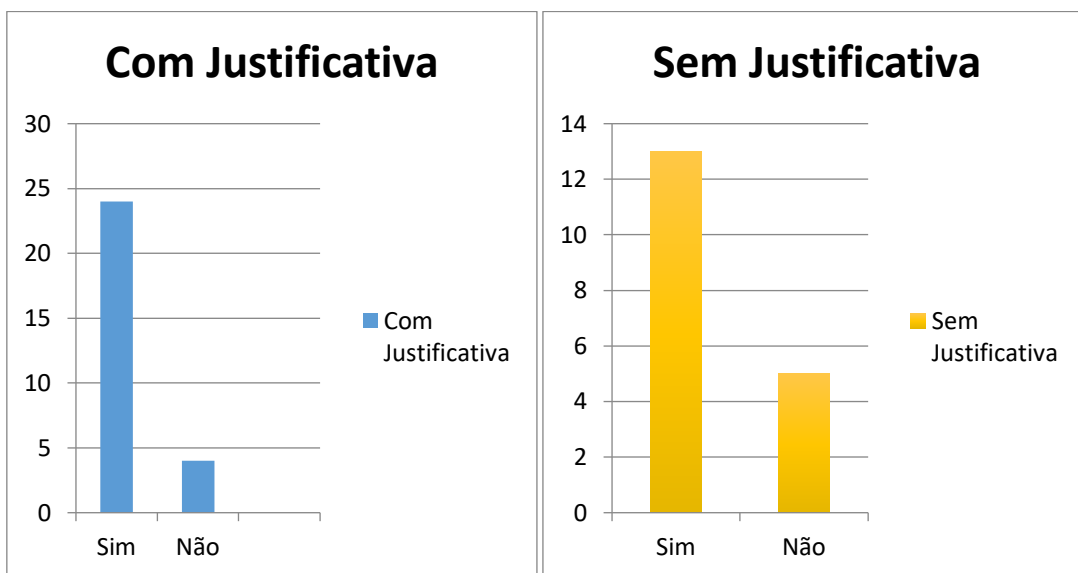
causando danos morais, sem ser exercida a coação física, esse conceito é relatado pelo Sociólogo Francês Pierre Bourdieu. (1989)

Foi enfatizado para os alunos que por mais que a melodia seja envolvente aos nossos corpos, as letras revelam a sexualização em massa do corpo feminino, estimulando o abuso e o assédio sexual e também a xenofobia, o racismo, a homofobia e divisão de classes.

#### 4. Resultados

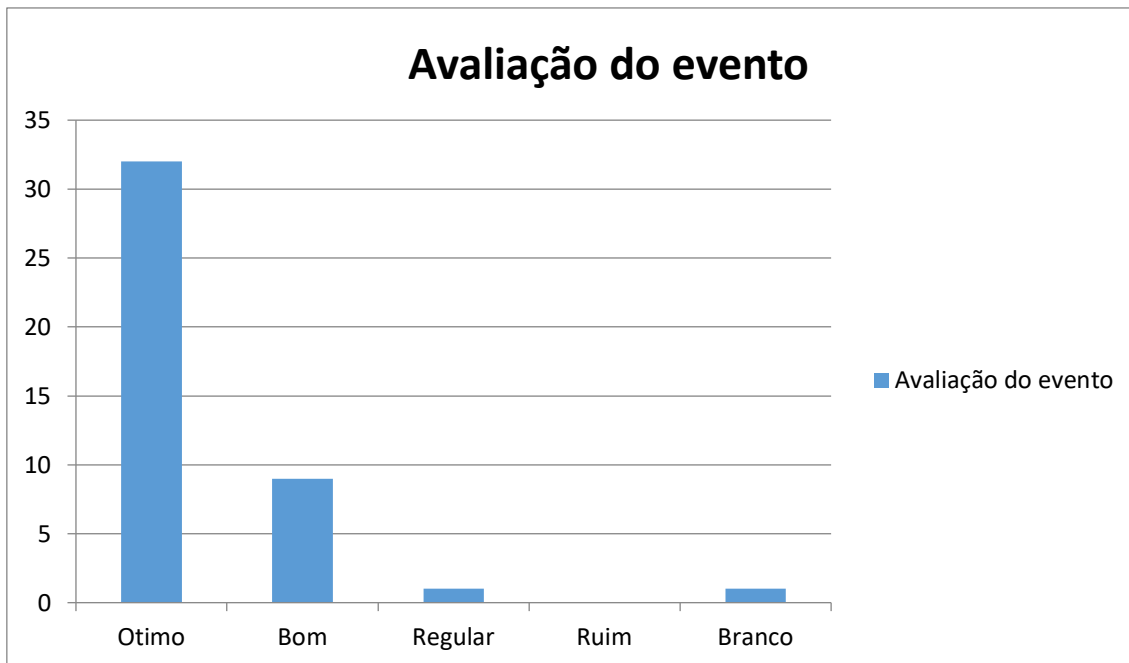
Uma semana após o evento foi aplicado na escola, um questionário para os alunos acerca do evento realizado, para os alunos que participaram da oficina. Na pesquisa havia uma pergunta de avaliação do evento, e uma pergunta relacionada a incitação a violência presente no funk.

A pergunta sobre a incitação pedia um fundamento da resposta direta (o fundamento não foi obrigatório), sendo ela: “O funk é um tipo de incitação a violência? Justifique.”. Como é mostrado no gráfico alguns alunos justificaram, outros somente responderam a múltipla escolha.



Os alunos que não justificaram, foram os mesmo que responderam que o funk não é uma incitação ao ódio.

Neste segundo gráfico está a avaliação dos alunos para o evento, dividido em: Ótimo, bom, regular, ruim.



## Considerações Finais

Diante do exposto, vimos que depois das questões que foram levantadas e as análises durante a pesquisa e até mesmo depois do evento, os alunos em sua maioria deram justificativas relevantes à proposta das indagações relacionado a violência. A oficina nos faz acreditar nas práxis de novos métodos de ensino que podem auxiliar a educação de crianças, jovens e adultos. Até porque não podemos desprezar a vivência do aluno (Freire, Paulo, 1996) e muitas vezes a cultura do funk que faz parte da cultura popular, é um dos frutos dos saberes daqueles que moram em regiões que dá crescimento a esse gênero musical.

Percebemos que houve uma mudança nos com relação às letras das musicas e foi surgindo uma criticidade com a semelhança da violência aos funk's contemporâneos, havendo uma conscientização com relação a propagação deste tipo de “liberdade de expressão”.

Para finalizar o relato podemos pensar dentro de uma citação de uma obra publicada em 2008 por Renato Nogueira intitulada “Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza”, para efetivação desse trabalho:

"O racismo epistêmico ou epistemológico é uma das dimensões mais perniciosas da discriminação étnico-racial negativa. Em linhas gerais, significa a recusa em reconhecer que a produção de conhecimento de algumas pessoas seja válida por duas razões: 1º)

Porque não são brancas; 2º) Porque as pesquisas e resultados da produção de conhecimento envolvem repertório e cânones que não são ocidentais. Penso que a disputa para derrotar, ainda que parcialmente, o racismo epistemológico está no esforço por diversificar as leituras. Combater a injustiça cognitiva começa por deixarmos de privilegiar os modelos epistemológicos ocidentais. E, por fim, realizar uma comparação dos modelos de conhecimento, do repertório, criando condições para a polirracionalidade. Minha base para romper com o racismo epistêmico está nas leituras do filósofo Dismas Masolo. É preciso analisar o objeto de conhecimento por ângulos diferentes, mas também por meio de modelos de racionalidade diversos. Isto certamente servirá para enriquecer nosso acervo cognitivo." (NOGUEIRA, 2008, p.20)

Concluimos dentro da pesquisa que mais uma vez é preciso que não sejam caladas as vozes na escola, é urgente e necessário que este debate de violência, cor, classe e gênero adentre o espaço escolar em que as esferas escolares entendam a laicidade da mesma, e que seja promovido um livre debate sem o enfoque moralista que por muitas vezes impede o avanço do conhecimento. É preciso um tempo novo na educação deste país, as situações presentes no cotidiano devem ser orientadas e esclarecidas pela escola.

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” (FREIRE, Paulo 1987.)

## 6. REFERÊNCIAS

- SPOSITO, Marília Pontes (1994). “A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade”. São Paulo, Revista Tempo Social, vol. 5 números 1-2, Departamento de Sociologia, FFLCH/USP.
- Bourdieu, Pierre (1989b), *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- Bourdieu, Pierre (2000), *As estruturas sociais da economia*. Paris: limiar.
- Bourdieu, Pierre (2002), *Intervenções, 1961-2001 - Ciências Sociais e Ação Política*. Marselha: Agone.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- XAVIER, Antônio Roberto. XAVIER, Lisiméne Cordeiro do Vale. *Políticas Públicas de Educação Digital: a experiência do Proinfro Integrado em Ocara-CE*. Fortaleza: Imprece, 2015.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, Senado Federal, 1988.
- GUIRADO, M. *Psicologia institucional*. São Paulo: EPU, 1987

- MONTEIRO, Rosana Batista. Práticas Pedagógicas para ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena no Ensino Médio. Sociologia, História, Filosofia e Geografia.(Orgs.)
- NOGUEIRA, Renato. O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639. Rio de Janeiro, RJ, Pallas, 2015.